

VII

Como dissemos páginas antes, é neste ano de 1902 que são realizadas as mais importantes experiências sobre febre amarela, feitas no Hospital de Isolamento, pelo Serviço Sanitário, com a colaboração do pessoal do Instituto Bacteriológico.

Depois de ter sido considerada infundada a teoria de Sanarelli e das experiências realizadas em Cuba, chegou-se à conclusão da transmissibilidade da febre amarela pelo mosquito. Era a teoria de Carlos Juan Finlay (80) que estava confirmada.

Tendo chegado às mãos de Emilio Ribas, que mantinha correspondência com as autoridades sanitárias norte-americanas, os resultados das experiências de Havana, julgou ele de interesse à saúde pública, repeti-las aqui em São Paulo, cidade que se caracterizou como o primeiro lugar do mundo em que se tiraram conseqüências práticas das pesquisas de Cuba.

Depois de resolvida a realização das experiências em nossa cidade, elas foram divididas em duas etapas: primeiro, verificar-se-ia o papel do mosquito na transmissão da febre amarela, e depois, seria provado ou não a importância dos *fomites* como fator contagiante.

Deve-se, antes de mais nada, notar que as experiências de Havana vieram confirmar o que Emilio Ribas já havia observado, em 1898, em Campinas, quando estudava os culicídeos, suspeitando de uma de suas espécies.

Aristides Agramonte, Walter Reed, James Carroll e Jesse W. Lazear (81, 82), deram conhecimento de suas pesquisas, ao Congresso Panamericano de Havana, em fevereiro de 1901, e seus resultados foram publicados em *The Journal of the American Medical Association*, portanto, depois do saneamento de Campinas.

Em dezembro, quando foram iniciadas as experiências, todos os médicos que acompanhariam os estudos assinaram uma declaração por escrito, nos seguintes termos:

“Declaração feita pelos funcionários do Serviço Sanitário abaixo assinados e pela comissão de clínicos que foram convidados para acompanhar as experiências sobre a transmissão da febre amarela pelos estegomias.

Sendo de grande importância, repetir em nosso país, as experiências feitas em Cuba sobre a transmissão da febre amarela pelo “*Stegomyia fasciata*”, em pessoas que voluntariamente a isso se prestaram

(80) — Carlos Juan Finlay (1833-1915).

(81) — Carroll e Lazear fizeram-se picar por estegomias infetados, tendo o segundo falecido no dia 25 de setembro de 1900 em conseqüência da mcléstia e Carroll também adoeceu, de forma grave, no quinto dia depois da inoculação propositada.

(82) — Reed 1851-1902; Carroll 1854-1907; Lazear 1866-1900 e Agramonte 1869-1931).

(83), foram os abaixo-assinados convidados pela diretoria do Serviço Sanitário, para assistirem às primeiras experiências.

Os mosquitos utilizados para êsse fim, são exemplares criados de larvas, não tendo chupado sangue antes ou depois da ocasião escolhida para a infecção dêles e para infeccioná-los, aproveitou-se propositalmente, um caso leve de febre amarela em um doente que teve alta no 8.º dia de moléstia.

Esta foi diagnosticada pela comissão sanitária de São Simão na doente de nome Alexandrina, tendo sido os mosquitos aplicados nesta, pelo dr. Carlos Meyer (84), ajudante do Instituto Bacteriológico, nos dias 30 de novembro e 1 de dezembro do corrente ano, nos 1.º e 2.º dias de moléstia.

Êstes exemplares foram trazidos a esta Capital pelo mesmo doutor, no dia 2 do corrente e conservados no Instituto Bacteriológico, onde foram alimentados convenientemente, isto é, com mel diluído e tâmaras secas.

Durante êste tempo, a temperatura foi geralmente de 21º a 23,º o que se pode considerar inferior à temperatura que provavelmente reinava em Cuba, quando ali se fizeram experiências e, porisso, foi julgado necessário ajuntar aos 12 dias, tidos como prazo mínimo para tornar infeccioso o mosquito, mais 3 dias.

Êste prazo talvez seja insuficiente, porém não foi estendido, já pelo grande risco que se correria de perder os mosquitos infeccionados, conservando-os por muito tempo, como porque pôde se repetir a aplicação dos mesmos mosquitos nos mesmos pacientes, depois de alguns dias.

Compreende-se que, tratando-se de uma experiência preliminar, não se escolheram as condições que mais favoreciam um resultado positivo (como o emprêgo de um número de mosquitos tendo chupado repetidas vêzes, ou em vários casos e mesmo em casos graves) procurando-se, pelo contrário, as condições para produzir uma infecção de pouca gravidade, o isto não se dispôr de um tratamento específico.

(83) — Domingos Pereira Vaz, André Ramos, Januário Fiori e Oscar Moreira Marques assinaram o seguinte documento, antes de se sujeitarem às experimentações :

"Declaro que me sujeito espontaneamente a prestar-me às experiências sôbre febre amarela, deixando-me picar por mosquitos que tenham sugado sangue de doentes dessa moléstia, não obstante os perigos a que me exponho e que detalhadamente me foram descritos pelo sr. dr. diretor do Serviço Sanitário, inclusive o do sacrificio da vida, tendo o sr. dr. diretor me referido o fato de haverem falecido em Cuba diversos indivíduos que se sujeitaram a esta experiência, pelo que firmemente vou sujeitar-me a essa experiência no interesse de contribuir para solução de um problema que interessa grandemente à humanidade e especialmente ao Brasil e com o qual se preocupam atualmente os homens de ciência.

São Paulo, 24 de julho de 1902".

(84) — O dr. Carlos Meyer de São Simão, mandou esta carta ao dr. Lutz :

"1 de dezembro de 1902.

Amo. e cola . dr. Lutz

Recebi ontem sua carta e o caixote contendo tubos. Não houve ontem entrada alguma para o hospital. Das 3 doentes que lhe comuniquei por último, deixei de fazer aplicação dos mosquitos em uma que tinha bradicardia — o pulso chegou ontem a 42 e agora verifiquei que tinha razão, porque soube neste momento que ela morreu esta noite. O Nicola teve ontem outra vez febre e as outras duas mulheres, Elisa e Alexandrina vão em boas condições. Ontem consegui 23 chuparem em Elisa (total 43) e 16 em Alexandrina (total 23) experiência, pois é uma mulher forte, de 46 anos de idade e que estava no verdadeiro início da moléstia — era vizinha do barbeiro que foi removido ontem com 5 d. de moléstia. Consegui fazer 20 mosquitos chuparem nela. Uma outra, Maria Jacinta, de 6 horas de moléstia, velha, T 39,8 P 52. Consegui só 3 mosquitos chupados. Uma outra, preta, Alexandrina, de 20 anos, caso característico com 1 dia de moléstia, entrou à noite e às 9 h. Consegui ainda fazer 6 mosquitos chuparem. Como as vasilhas para guardar são poucas e como ontem nada havia de novo e já haviam morrido 6 mosquitos que estavam na câmara úmida à espera de aplicação, eu ontem à noite umedei um pouco o papel de filtro e creio que por isso muitos não quiseram chupar hoje. Tenho esperança de amanhã obter muitos chupados. Como se estão apresentando êstes casos novos é de supor que em poucos dias tenha já bastantes infeccionados (mosquitos) e por isso desejava saber que o modo de ir enviando-os para lá. Aqui o lugar é pequeno e faltam-me tôdas as comodidades para êles ; não sei se poderão ir despachados ; enfim o senhor me mandará dizer o que pensa a respeito. O calor está insupportável. Desejando-lhe seu pronto restabelecimento, peço recomendar-me à exma. família, ao dr. Ribas, aos meus e aceite saudades do amigo col. grato.

(a) Carlos L. Meyer"

Tendo as experiências em Cuba mostrado que, observando-se as condições necessárias (aplicação num doente de febre amarela característica, no 2.º dia de moléstia e conservação dos mosquitos num ambiente e temperatura elevada, durante 12 dias no mínimo), a aplicação de dois mosquitos dava aproximadamente 47% dos resultados positivos, não se quis exceder este número de mosquitos.

Em conclusão, não tendo escolhido as condições favoráveis, um pequeno número de resultados negativos não poderão, naturalmente, servir de prova absoluta e definitiva contra a transmissibilidade da febre amarela, pelo "*Stegomyia fasciata*", convindo então, fazerem-se outras experiências em circunstâncias mais favoráveis.

São Paulo, 15 de dezembro de 1902.

aa) Presidente dr. L. Pereira Barreto (85); A. G. Silva Rodrigues; dr. Adriano de Barros; dr. E. M. Ribas; dr. Adolfo Lutz; dr. Cândido Espinheira; dr. Vitor Godinho; dr. Carlos L. Meyer".

Depois de assinado este documento inicial, foram principiados os trabalhos cujo transcorrer foi relatado em atas. Reproduziremos tôdas, pois que através de sua leitura, percebemos nitidamente o desenrolar das experiências.

— 1 —

A 1.ª SÉRIE DE EXPERIÊNCIAS

ATA DA PRIMEIRA SESSÃO

"Ata da 1.ª série de experiências feitas no Hospital de Isolamento para certificação da transmissibilidade da febre amarela pelos estegomias.

Aos 15 dias do mês de dezembro de 1902, pelas 11 horas da manhã, achando-se presentes os drs. Emilio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e a comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências, composta dos drs. Luís Pereira Barreto, A. G. Silva Rodrigues e Adriano de Barros, foram lidas as declarações escritas e assinadas pelos pacientes em como se sujeitavam às experiências sob a sua livre vontade e exclusiva responsabilidade. Em seguida foi lida e por todos assinada uma declaração expondo as condições em que a experiência ia ser feita. Logo depois, fêz-se com que dois mosquitos picassem no braço do dr. Emilio Ribas e, ao mesmo tempo, outros dois picassem no braço do dr. Adolfo Lutz, seguindo-se a mesma operação quanto aos pacientes Oscar Marques Moreira e Domingos Pereira Vaz, com dois mosquitos para cada um. Foi verificado por todos que os mosquitos picaram bem, em vista da quantidade de sangue que se observava no abdome d'elles e pelos sinais evidentes que deixaram sobre a pele, no lugar das picadas. Os pacientes Oscar Marques Moreira e Domingos Pereira Vaz que parece não se acharem em condições de imunidade quanto à febre amarela, ficaram recolhidos ao Hospital de Isolamento. O dr. Ribas sofreu a picada de dois mosquitos que haviam picado a doente Alexandrina no dia 1 de dezembro, quando tinha a temperatura de 37°6 e o pulso 102; o dr. Lutz sofreu a picada de um mosquito infeccionado no dia 30 de novembro, quando a temperatura da doente era de 39°4 e o pulso 105 e um mosquito do dia 1 de dezembro nas condições dos quais picaram o dr. Ribas; o paciente Oscar Moreira sofreu a picada de dois mosquitos nas mesmas condições daqueles que picaram o dr. Lutz; e o paciente Domingos Vaz sofreu a picada de um mosquito infeccionado no

(85) — Luís Pereira Barreto foi senador estadual e deputado federal por São Paulo, além de ter sido presidente do senado do Estado. Nasceu em Resende, Estado do Rio de Janeiro, em 11 de janeiro de 1840 faleceu em São Paulo. Formou-se em Medicina, na Bélgica, e revalidou seu diploma na Faculdade do Rio de Janeiro, em 1865, indo, em seguida, clinicar em Jacareí e, posteriormente, em São Paulo. Escreveu além de obras médicas, trabalhos sobre filosofia, política e religião.

dia 30 de novembro, quando a doente tinha a temperatura de 38°8 e o pulso 102 e outro mosquito nas condições dos que picaram o dr. Ribas.

Feito o que, lavrou-se a presente ata que vai por todos assinada.

São Paulo — 15 de dezembro de 1902.

Nota. Os mosquitos picaram nos braços do dr. Ribas e dr. Lutz às 11,30 horas e, nos outros pacientes, ao meio-dia."

ATA DA SEGUNDA SESSÃO

"Aos 18 dias do mês de dezembro de 1902, pelas 11,30 horas da manhã, achando-se presentes o dr. Emilio Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e a comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências composta dos drs. Luis Pereira Barreto, A. G. Silva Rodrigues e Adriano de Barros, foi por todos verificado que nenhuma das pessoas que se deixaram picar pelos estegomias no dia 15 do corrente haviam apresentado alteração na saúde. Ao meio-dia, os drs. Emilio Ribas e Adolfo Lutz e os cidadãos Oscar Marques Moreira e Domingos Pereira Vaz fizeram-se picar novamente pelos estegomias, sendo que este último paciente foi picado pelos mesmos dois mosquitos que serviram no dia 15. O paciente Oscar Moreira só foi picado pelos mosquitos infeccionados em Alexandrina no dia 30 de novembro p. p. e que também serviu para ele no dia 15 do corrente, visto que o outro do dia 1 de dezembro não quis picar. Os drs. Emilio Ribas e Adolfo Lutz deixaram-se picar cada um por um mosquito infeccionado no doente Nicola Razzoti no dia 24 de novembro, 1.º dia de moléstia em que a temperatura auxiliar era de 39°5 e o pulso 116, não se conseguindo que outros mosquitos infeccionados no dia 25 no mesmo doente, que então tinha a temperatura de 38°2 e pulso 104, picassem bem, pois que só um destes o fez levemente no braço do dr. Adolfo Lutz. Todas as pessoas presentes verificarem as picadas dos mosquitos pelos sinais que deixavam sobre a pele e pelo sangue que continham no abdome. O caso de Nicola Razzoti foi de marcha longa e de caráter grave; entretanto, nada se poderá coligir se no prazo provável de incubação, os drs. Emilio Ribas e Adolfo Lutz não manifestarem a moléstia, porquanto, em relação a estes cidadãos, não se pode excluir a existência de imunidade adquirida. Em seguida, foi lavrada a presente ata que vai por todos assinada.

São Paulo. — 18 de dezembro de 1902."

ATA DA TERCEIRA SESSÃO

"Aos 22 dias do mês de dezembro de 1902, pelas 12 horas da tarde, achando-se presentes o dr. Emilio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e os membros da comissão de clínicos que foram convidados pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências drs. A. G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros, deixando de comparecer o dr. Luis Pereira Barreto, verificou-se que todas as pessoas que se haviam submetido à experiência achavam-se no gozo de saúde. À meia hora depois do meio-dia, applicaram-se os mosquitos no braço do paciente Domingos Pereira Vaz, conseguindo-se apenas que picasse um deles, o que foi infeccionado no dia 30 de novembro em Alexandrina, o mesmo que já lhe havia picado nas duas sessões anteriores. À vista disso, foi resolvido que se fizesse nova applicação às 5 horas da tarde, desistindo os drs. A. G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros do seu comparecimento nesta ocasião. Às 5 horas, pois, achando-se presentes o dr. Emilio M. Ribas, dr. Cândido Espinheira, dr. Vitor Godinho e dr. Carlos Meyer, foram applicados três mosquitos no braço do paciente Domingos Pereira Vaz, sendo um infeccionado em Alexandrina, no dia 30 de novembro (T. 39,4 — P — 105), outro infeccionado em Nicola no dia 24 de novembro (T. 39,5 — P — 116) e o 3.º também infeccionado em Nicola no dia 25 de novembro (T. 38,2 — P-104). Todos os mosquitos picaram bem, o que por todos foi verificado. Em seguida foi lavrada a presente ata que vai por todos assinada.

São Paulo — 22 de dezembro de 1902."

ATA DA QUARTA SESSÃO

“Aos doze dias do mês de janeiro de 1903, pelas 12 horas da tarde, achando-se presentes o dr. Emílio Marcondes Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e o dr. Adriano de Barros, um dos membros da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências, deixando de comparecer os drs. Luís Pereira Barreto e A. G. da Silva Rodrigues, verificou-se que tôdas as pessoas que se tinham submetido à experiência achavam-se no gôzo de saúde, tendo sido, portanto, negativos os resultados das aplicações dos estegomias nas três sessões anteriores. À meia hora depois do meio-dia, aplicaram-se no paciente Domingos Vaz, quatro mosquitos que se tinham infeccionado em São Simão, no dia 24 de dezembro p. p. alimentando-se com sangue do doente de febre amarela Benjamin Rosanini, que estava no segundo dia de moléstia. Dêstes 4 mosquitos, 2 picaram a Benjamin, de manhã e 2 na tarde do mesmo dia. Um dos infeccionados, à tarde, apenas picou no braço do paciente Domingos Vaz, sendo que os outros três também chuparam sangue. Não tendo os outros mosquitos da mesma procedência querido picar no braço do cidadão Oscar Moreira, foi resolvido fazer-se nova aplicação às 6,30 horas da tarde. Nesta ocasião, achando-se presentes os mesmos cidadãos acima mencionados, apesar de muitas tentativas, não se conseguiu que os mosquitos picassem, pelo que resolveram que o dr. Carlos Meyer fizesse no dia seguinte pela manhã, nova aplicação. Às 7 horas da manhã do dia 13 do corrente, o dr. Meyer conseguiu fazer com que um mosquito infeccionado em Benjamin, na manhã de 24 de dezembro p. p., picasse e chupasse sangue do braço do paciente Oscar e às 7,30 um outro da mesma procedência, infeccionado na tarde do mesmo dia, picasse duas vêzes o braço sem, contudo, chupar sangue. Ao meio-dia, outro mosquito nas condições dos precedentes e infeccionados na manhã do dia 24 de dezembro p. p., picou também por duas vêzes, o braço do paciente Oscar, sem ter chupado apesar de estar em jejum há 53 horas. Em seguida foi lavrada a presente ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 13 de janeiro de 1903.”

ATA DA QUINTA SESSÃO

“Aos 20 dias do mês de janeiro de 1903, pelas 10 horas da manhã, achando-se presentes o dr. Emílio Marcondes Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e o dr. Adriano de Barros, membro da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências, deixando de comparecer os drs. Luís Pereira Barreto e A. G. da Silva Rodrigues, foi resolvido fazer-se nova aplicação de estegomias infeccionados em doentes de febre amarela. Às 11 horas da manhã, foram aplicados no paciente Januário Fiori, quatro mosquitos infeccionados em São Simão, no doente Joaquim Tarquínio no dia 1.º de janeiro, 1.º dia de moléstia. Um dêles foi infeccionado de manhã, quando a temperatura do doente era de 39°2 e o pulso 88 e os outros três foram infeccionados à tarde, em que a temperatura era de 40° e o pulso 94. Todos picaram bem, como se verificou não só pelos sinais que deixaram no braço, como pelo sangue que continham no abdome. As larvas dêstes estegomias vieram de Itu para São Paulo; aí se desenvolveram, sendo os mosquitos, depois, enviados para São Simão, a fim de serem infeccionados. À 1 hora da tarde, foram aplicados no braço do paciente André, 6 mosquitos infeccionados no mesmo doente Joaquim Tarquínio, em São Simão. Dêstes mosquitos, um foi infeccionado na manhã do 1.º dia de moléstia, quando a temperatura do doente era de 39°2 e o pulso 88 e os outros 5 foram infeccionados no segundo dia, quando a temperatura era de 38°9 e o pulso 88. Todos picaram bem e chuparam sangue. Em seguida lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 20 de janeiro de 1903.”

A primeira série de experiências estava concluída.

Seus resultados podemos apreciar pelo relatório escrito em 20-2-1903 pelos clínicos dr. Luís Pereira Barreto, Antônio Gomes da Silva Rodrigues

e Adriano Júlio de Barros, que acompanharam os trabalhos, a convite do Serviço Sanitário.

Eis o relatório em suas partes principais :

"Ilmo. sr. dr. Emílio Ribas, muito digno diretor de Higiene Pública do Estado de São Paulo.

A comissão por vós nomeada para acompanhar as experiências instituídas no nosso Hospital de Isolamento, sob a vossa iniciativa com o fim de decidir com todo o rigor científico se, sim ou não, a febre amarela se transmite pela picada dos mosquitos pernalongos, vem hoje dar-vos conta da honrosa tarefa de declarar-vos, com a máxima isenção de ânimo, que não podiam ser mais brilhantes, nem mais fecundos pelo seu alcance prático, os serviços que por vosso intermédio o Estado de São Paulo acaba de prestar à ciência e à humanidade.

A comissão não pode deixar de, em primeiro lugar, apontar a correta hombridade com que procedestes, expondo com tódta a lealdade, aos arrojados indivíduos que se submetiam às experiências, os grandes perigos a que se iam expor.

Não tentamos uma só experiência, sem primeiro ter uma expressa declaração por escrito de cada paciente de que se prestava à demonstração experimental.

E não pudemos deixar passar em silêncio o edificante fato : fostes vós e o dr. Lutz os primeiros a dar o exemplo, fazendo-se ambos picar e picar bem, por vários mosquitos infeccionados pelo sangue de doentes de febre amarela.

Primeira observação : — Domingos Pereira Vaz, paranaense, de 22 anos de idade, solteiro. Este corajoso moço foi picado no dia 12 de janeiro, meia hora depois do meio-dia, por quatro pernalongos da espécie "*Stegomyia fasciata*", os quais todos haviam sido infeccionados, picando um doente de febre amarela característica e bastante grave, no dia 24 de dezembro em São Simão. Do dia 12 a 14 de janeiro, observando regime sóbrio e debaixo de tódta vigilância, passou êle sem a menor alteração na sua saúde.

Ao cair da noite do dia 14, porém, sentiu-se ligeiramente incomodado com calafrios e vômitos : — vomitou 3 vezes até às 10 horas da noite.

No dia 15 amanheceu ainda indisposto, levantando-se tarde, conservando a temperatura inferior a 37°; na tarde dêsse mesmo dia, às 4 e 45 minutos, acentuou-se o mal-estar geral, sobrevindo-lhe dores de cabeça, fotofobia, horripilações, quebramento de membros, dores generalizada por todo o corpo, raquialgia forte. Nesse momento o termômetro acusou apenas 37°2. Em seguida logo começou a temperatura a subir e com ela, foram progressivamente se agravando todos os sintomas ; tornou-se patente a hiperemia das conjuntivas, desenhou-se a característica congestão cutânea da região toráxica e clavicular e apresentou-se extrema sensibilidade na região epigástrica.

Foi este caso típico da forma benigna da febre amarela. A ausência de albumina nas urinas poderá parecer a alguns espíritos mais exigentes, um sério motivo de dúvida quanto à exatidão do diagnóstico.

Para os que, porém, estão rompidos na prática da observação de doentes de febre amarela, não pode aqui subsistir a mínima sombra de dúvida. O "facies" do amarelento é um quadro "sui generis", patognômico, que jamais se pode confundir com qualquer outro. O brilho especial das córneas, a sufusão conjuntival, o aspecto vultuoso da face acompanhando o cortejo habitual dos outros sintomas, não permitem ao clínico, hesitação. É quadro que uma vez visto, nunca mais se apaga da memória.

Segunda observação : — Januário Fiori. Italiano, residente no Brasil há 11 anos, solteiro, com 23 anos de idade. Este moço foi picado no dia 20 de janeiro às 11 horas da manhã, por quatro mosquitos infeccionados em São Simão (730 quilômetros pela estrada de ferro), foram criados em São Paulo, de larvas colhidas na cidade de Itu e sugaram o sangue de um doente de febre amarela grave, no primeiro dia da moléstia, confirmada e bem caracterizada. No dia 23 de janeiro, do meio-dia em diante, começou Januário Fiori a sentir-se indisposto. Às 7 horas da tarde ainda tomou chá, porém, sem apetite. Às 7,30 sentiu cefalalgia. Acusava então fortes calafrios, cefaléia super-orbitária e dores nas pernas. Às 9 horas já era bem visível a hiperemia das conjuntivas, da face e do tórax.

Este caso não admite hesitações de diagnóstico. Nada absolutamente faltou para ser completo o quadro mórbido da febre amarela. Ficou definitivamente demonstrado e fora de tódta possibilidade de contestação, que um pernalongo — *Stegomyia fasciata* — pode conduzir a febre amarela a grande distância e transmiti-la do individuo doente ao

indivíduo são. A experiência feita aqui na Capital de São Paulo remove para sempre, tôdas as objeções. Não temos aqui o concurso tumultuário das agências climatológicas ou mesológicas, como as que se dão em muitas localidades flageladas para embaraçar as conclusões. As belas experiências dos médicos americanos em Havana, não obstante o resultado final positivo da extinção dos mosquitos não conseguiram fazer calar tôdas as contravérsias, só pelo fato de ser aquela populosa cidade um lugar que em reinava a febre endêmica, havia mais de um século. Objetava-se que os casos experimentais ali observados não constituíam uma prova absoluta, porque os indivíduos podiam ter contraído a infecção por um outro canal que não o dos mosquitos. Essa objeção em São Paulo seria simplesmente um caso de improbabilidade científica.

Não existe aqui circunstância alguma que possa baralhar os fatores do problema e diminuir a força de um "veredictum" experimental concludente. O problema a ser resolvido achou-se aqui reduzido aos termos os mais simples que se possa desejar em uma experimentação em que o determinismo científico só tem a palavra. Tôdas as cautelas foram aqui tomadas para que os indivíduos que iam sujeitar-se às experiências, ficassem isoladas e sob imediata vigilância de um pessoal solícito, como é o do nosso Hospital de Isolamento. Todos se achavam em magníficas condições de saúde quando se submeteram á prova experimental.

Terceira observação: — André Ramos, Pardo, brasileiro, de 40 anos de idade, casado. Foi picado no mesmo dia que Fiori, a 20 de janeiro à uma hora da tarde por 6 mosquitos infeccionados em São Simão, no mesmo doente que infeccionou os que serviram para prova precedente, sendo um, do primeiro dia de moléstia.

No dia 24 sentiu dores nas pernas e estômago e raquialgia, bem como ardor nos olhos. Notou-se hiperemia intensa das conjuntivas e do tórax. Passou mal a noite de 25, acusando fortes dores de cabeça e no estômago e ansiedade precordial.

Neste doente, o exame de urina revelou a presença de albumina. Foi êste um segundo caso de forma benigna de febre amarela".

De tudo quanto observou a comissão concluiu que a transmissibilidade da febre amarela é devida aos mosquitos.

"... é um fato positivo adquirido para a ciência e que dêste fato resulta a necessidade da hygiene privada e pública deixar a defensiva para tomar-se enérgicamente a ofensiva.

Eis em resumo o que de maior urgência pareceu à comissão comunicar-vos (86).

— 2 —

A 2.^a SÉRIE DAS EXPERIÊNCIAS

A segunda série das experimentações sôbre febre amarela foi mais longa.

Sua realização foi também no Hospital de Isolamento, para a qual foram utilizados vários indivíduos que se apresentaram espontaneamente para servir de cobaia. Eram em número de três: Malagutti Giuseppe, Ângelo Paretto e Siniscalchi Giovanni.

(86) — De Domingos Pereira Vaz, conseguimos as seguintes notas.

"Vaz 15/1

Às 4,45 hs. começou a sentir-se mal com dor de cabeça e dores generalizadas que durante o dia já tinha (ilegível). Mau estar, inapetência. Raquialgia.

6,30 — 38.2 104

7,00 — 38.6 110

8,00 — 38.7 118"

Êstes dados correspondem às horas, temperatura e pulso.

Existem ainda outras anotações sobre Domingos Vaz que nos conta:

"Domingos Pereira Vaz, brasileiro, paranaense, de 22 anos, solteiro.

Foi picado no dia 12 de janeiro por 4 mosquitos sendo 2 infeccionados em Benjamim na manhã de 24 de XII e 2 infeccionados no mesmo doente na tarde do mesmo dia. Temperatura e pulso das duas ocasiões iguais — 39°2 — 92. O doente Vaz foi picado à meia hora da tarde do dia 12 e novamente por três dos mesmos quitos à 1.15 h. da tarde de 15-1". Seguindo estas anotações, existe uma longa lista demonstrativa da temperatura e pulso do paciente, durante os dias em que esteve enfermo, isto é, de 15 a 26 de janeiro".

Dêsses três italianos sabemos :

Malagutti Giuseppe era filho de Malagutti Antônio, branco, de 31 anos de idade, mecânico, italiano, nascido na cidade de Emília, viuvo, residente na rua Américo Brasiliense 5 e chegado ao Brasil em 31 de março de 1902 como imigrante, tendo partido de Gênova no vapor "Minas".

Ângelo Paroletti, filho de João Paroletti, branco de 43 anos de idade, pedreiro, italiano, nascido em Milão, solteiro, residente na rua Líbero Badaró 117 e chegado ao Brasil em 15 de junho de 1902 pelo vapor "Aquitaine", vindo de Gênova.

Siniscalchi Giovanni, filho de Fu Paschoali, branco, 41 anos de idade, professor, italiano, nascido na Lombárdia, casado, residente na rua Conselheiro Crispiniano 12 e chegado ao Brasil em 30 de agosto de 1901, vindo igualmente de Gênova, como passageiro de 3.ª classe.

Nestas experiências houve 11 sessões cujas atas, como fizemos com as primeiras, reproduziremos :

ATA DA PRIMEIRA SESSÃO

"Aos 20 dias do mês de abril de 1903 pelas 9 horas e 20 minutos da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e a comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, composta dos drs. Luís Pereira Barreto, A. G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros, foi introduzido no quarto convenientemente preparado para êsse fim no Pavilhão II do Hospital de Isolamento o cidadão italiano Malagutti Giuseppe. Êste quarto está protegido contra a entrada e saída de mosquitos por meio de tecido de arame colocado sôbre as venezianas, que abrem para o lado de fora, permitindo assim abrir-se as vidraças para o lado de dentro. As venezianas ficaram lacradas a fim de não poderem ser abertas durante a noite pelos pacientes. Na véspera, 19, foi feito o expurgo do quarto por meio do enxôfre. Em um dos cantos foi colocada uma estufa à gás com chaminé, com o fim de elevar-se a temperatura do quarto em ocasiões de estar muito baixa. Aberta a caixa existente no quarto, por Malagutti Giuseppe, êste retirou daí dois sacos que continham as roupas servidas pelos doentes de febre amarela Pascoal Ceraballo e Francisco Ceraballo, procedentes de São José do Rio Pardo, que tendo enfermado nesta Capital, foram removidos para o Hospital de Isolamento, falecendo o primeiro a 18 e o segundo a 23 de fevereiro do corrente ano. Em seguida o paciente abriu os sacos e dêles retirou tôdas as peças de roupa, que apresentavam na maior parte, manchas de sangue, vômito preto, etc., e com elas preparou com suas próprias mãos o leito em que deveria dormir, espalhando depois o restante pelo soalho do quarto. A temperatura do ambiente do quarto nesta ocasião era de 20° centígrados, a mesma que de manhã foi observada pelo dr. Cândido Espinheira. Foi determinado ao paciente que no dia seguinte de manhã, antes de lhe ser aberta a porta do quarto, reunisse tôda a roupa, quer da cama, quer existente sôbre o soalho, introduzisse-a novamente nos sacos e os colocasse dentro da caixa. Feito o que foi fechado o quarto, ficando um empregado de prontidão a fim de acudir a qualquer chamado e de verificar em horas diferentes da noite, se o paciente estava ou não deitado sôbre o leito. Nada mais havendo a fazer-se, foi lavrada esta ata que vai por todos assinada.

São Paulo — 20 de abril de 1903.

Declaramos em tempo que o dr. Luís Pereira Barreto não se achava presente à noite, tendo vindo durante o dia, a fim de verificar a disposição do quarto.

São Paulo — 20 de abril de 1903."

ATA DA SEGUNDA SESSÃO

"Aos 21 dias do mês de abril de 1903, pelas 9,30 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Cândido Espinheira, diretor

do Hospital de Isolamento e dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico, foram introduzidos no quarto destinado às experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas pelos doentes desta moléstia, os italianos Malagutti Giuseppe e Ângelo Paroletti. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelo paciente Malagutti Giuseppe, nos sacos e êstes colocados na caixa, foram daí retiradas pelos dois pacientes, que com elas prepararam os respectivos leitos, espalhando o restante pelo soalho. Foi verificado por diversas vezes durante a noite antecedente, que o paciente Malagutti Giuseppe achava-se deitado no leito, como tinha sido por êle preparado. A temperatura do quarto de manhã era de 20° e à noite de 21°, sendo a do exterior de manhã de 12° e à noite de 10°. Em seguida foi fechado o quarto observando-se as mesmas determinações feitas na véspera e lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos presentes.

São Paulo — 21 de abril de 1903.”

ATA DA TERCEIRA SESSÃO

“Aos 22 dias do mês de abril de 1903, pelas 9,30 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico, foram introduzidos no quarto destinado às experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, os italianos Malagutti Giuseppe e Ângelo Paroletti. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos pacientes nos sacos e êstes colocados na caixa, foram daí retiradas pelos dois mesmos pacientes, que com elas prepararam os respectivos leitos, espalhando o restante pelo soalho. Foi verificado por diversas vezes durante a noite antecedente, que os pacientes achavam-se deitados nos leitos que haviam preparado. A temperatura do quarto de manhã e à noite era de 20°, sendo a do exterior de manhã de 6° e à noite de 16°. Em seguida foi fechado o quarto observando-se as mesmas determinações dos outros dias, e lavrou-se esta ata que vai assinada pelos presentes.

São Paulo — 22 de abril de 1903.”

ATA DA QUARTA SESSÃO

“Aos 23 dias do mês de abril de 1903, pelas 9 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico, dr. Artur P. Ripper, inspetor sanitário e o dr. Adriano de Barros, um dos membros da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para estas experiências os italianos Malagutti Giuseppe, Angelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta haviam sido introduzidas pelos paciente Malagutti Giuseppe e Ângelo Paroletti nos sacos e êstes colocados na caixa, foram daí retiradas pelos três pacientes que com elas prepararam os seus respectivos leitos, espalhando o restante pelo soalho. Foram empregados nos travesseiros, três fronhas que serviram a doentes de febre amarela em Taubaté e que se achavam manchadas com vômitos pretos; estas fronhas chegaram daquela localidade ontem, 22 do corrente, à noite. O paciente Angelo Paroletti vestiu um paletó que se achava entre as peças de roupa e que havia servido durante a moléstia a um dos doentes donde procederam as roupas. Foi verificado por diversas vezes durante a noite precedente, que os pacientes dormiam nos leitos como haviam preparado. A temperatura do quarto de manhã era de 20° e à noite de 21°, sendo a do exterior de manhã 15° e à noite 16°. Em seguida foi fechado o quarto, observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai por todos os presentes assinada.

São Paulo — 23 de abril de 1903.”

ATA DA QUINTA SESSÃO

“Aos 24 dias do mês de abril de 1903 pelas 9 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto

Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Vital Brasil, diretor do Instituto Serumterápico de Butantã, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e dr. A. G. da Silva Rodrigues, um dos membros da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para estas experiências os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos três pacientes, nos sacos e éstes colocados na caixa, foram daí retiradas pelos pacientes que com elas prepararam os leitos em que deveriam dormir, espalhando o restante pelo soalho. O paciente Ângelo Paroletti tornou a vestir o mesmo paletó com que dormiu na véspera. Foi verificado por diversas vèzes durante a noite antecedente que os pacientes se achavam deitados nos respectivos leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 21° e à noite 23°,5, sendo a do exterior de manhã de 14°,5 e à noite de 15°. Em seguida foi fechado o quarto, observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai por todos os presentes assinada.

São Paulo — 24 de abril de 1903.”

ATA DA SEXTA SESSÃO

“Aos 25 dias do mês de abril de 1903, pelas 8,30 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emilio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico, dr. Teodoro Baima, inspetor sanitário e o dr. Adriano de Barros, um dos membros da comissão de clínicos enviada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para as experiências, os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Siniscalchi Giovanni. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos três pacientes nos sacos e éstes colocados na caixa foram daí retiradas pelos mesmos pacientes que com elas prepararam o leito em que deveriam dormir, tendo antes, todos éles sacudido bem tódas as peças de roupa. Foi verificado por diversas vèzes durante a noite antecedente que os três pacientes se achavam deitados nos respectivos leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 25° e à noite de 23°,5, sendo a do exterior de manhã de 15° e à noite de 16°. Em seguida foi fechado o quarto observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 25 de abril de 1903.”

ATA DA SÉTIMA SESSÃO

“Aos 26 dias do mês de abril de 1903, pelas 9 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emilio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital e dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico, foram introduzidos no quarto preparado para as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos três pacientes nos sacos e éstes colocados na caixa, daí foram retiradas pelos mesmos pacientes que com elas prepararam os respectivos leitos, espalhando o restante pelo soalho, vestindo depois cada um uma camisa de dormir nova, que havia sido colocada de mistura com as roupas usadas. Foi verificado por diversas vèzes durante a noite antecedente que os pacientes dormiam nos seus respectivos leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 26° e à noite de 23°, sendo a do exterior de manhã de 16° e à noite de 18°. Em seguida foi fechado o quarto observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 26 de abril de 1903.”

ATA DA OITAVA SESSÃO

"Aos 27 dias do mês de abril de 1903, pelas 8 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e os drs. Luís Pereira Barreto e Adriano de Barros, membros da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não de febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para estas experiências os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos três pacientes nos sacos e éstes na caixa, foram daí retiradas pelos mesmos pacientes, que com elas prepararam os seus respectivos leitos depois de sacudirem bem tôdas as peças, espalhando o restante sobre o soalho, principalmente próximo aos leitos. Em seguida abriram três frascos que se achavam hermêticamente fechados e lacrados, contendo um déles urinas de doentes de febre amarela em Casa Branca e outros dois, vômitos pretos e fezes sanguinolentas procedentes de Ribeirão Preto e espargiram estas substâncias sobre as roupas. Foi verificado por diversos vêzes, durante a noite antecedente, que os pacientes dormiam em seus respectivos leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 23° e à noite de 22°, sendo a do exterior de manhã 17° e à noite 16°. Foi depois fechado o quarto, observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 27 de abril de 1903."

ATA DA NONA SESSÃO

"Aos 28 dias do mês de abril de 1903, pelas oito horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e os drs. A. G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros, membros da comissão de clínicos convidada pela diretoria do Serviço Sanitário, para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para estas experiências os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas pelos três pacientes nos sacos e éstes na caixa, foram daí retiradas pelos mesmos pacientes, que com elas prepararam os seus respectivos leitos, depois de sacudirem bem as peças. O paciente Malagutti Giuseppe vestiu o paletó com que Ângelo Paroletti havia já dormido duas noites e os outros vestiram as camisas que estavam de mistura com a roupa. Uma das vidraças do quarto ficou aberta durante a noite. Foi verificado por diversas vêzes durante a noite antecedente que os pacientes dormiam em seus leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 21°,5 e à noite de 23°, sendo a exterior de manhã de 18° e à noite também de 18°. Em seguida foi fechado o quarto, observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 28 de abril de 1903."

ATA DA DÉCIMA SESSÃO

"Aos 29 dias do mês de abril de 1903, pelas 8,30 horas da noite, achando-se presentes o dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e os drs. A. G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros, membros da comissão de clínicos que foi convidada pela diretoria do Serviço Sanitário, para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, foram introduzidos no quarto preparado para estas experiências os italianos Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi. As roupas, que de manhã, sob fiscalização direta, haviam sido introduzidas nos sa-

cos e êstes na caixa, foram daí retiradas pelos mesmos pacientes, que com elas prepararam os seus respectivos leitos, depois de terem sacudido bem as peças. O paciente Giovanni Siniscalchi dormiu com o paletó que havia servido durante a moléstia a um dos doentes de febre amarela donde procederam as roupas. Foi determinado que ficasse aberta uma das vidraças que deveria ser fechada durante a noite, caso a temperatura ficasse inferior a 21°. Foi verificado por diversas vêzes durante a noite antecedente, que os pacientes dormiam em seus leitos. A temperatura do quarto de manhã era de 22° e à noite de 23°, sendo a do exterior de manhã de 16° e à noite de 17°. Em seguida foi fechado o quarto, observando-se as mesmas determinações dos outros dias e lavrou-se esta ata que vai assinada por todos os presentes.

São Paulo — 29 de abril de 1903.”

ATA DA DÉCIMA PRIMEIRA SESSÃO

“Aos 10 dias do mês de maio de 1903, tendo sido verificado pelo dr. Emílio M. Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Cândido Espinheira, diretor do Hospital de Isolamento, dr. Vitor Godinho, médico do mesmo Hospital, dr. Carlos Meyer, ajudante do Instituto Bacteriológico e os drs. A.G. da Silva Rodrigues e Adriano de Barros, membros da comissão de clínicos convidada pela diretoria do Serviço Sanitário para assistir e acompanhar as experiências feitas com o fim de se provar o contágio ou não da febre amarela pelas roupas usadas por doentes desta moléstia, que os pacientes Malagutti Giuseppe, Ângelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi continuavam em estado de perfeita saúde como se achavam durante todo o tempo das experiências, deram-se as mesmas por terminadas, visto ter decorrido o prazo de 10 dias completos da data em que os mesmos estiveram pela última vez em contacto com as roupas que serviram para a experiência, considerando-se êste período de tempo, bastante suficiente para excluir a possibilidade da incubação da febre amarela. Em vista do que, os pacientes foram dispensados de permanecerem no Hospital de Isolamento onde se achavam até agora para observação. O dr. Luís Pereira Barreto verificou também o perfeito estado de saúde dos três pacientes, no dia 8 do corrente. Em seguida foi lavrada esta ata que vai por todos assinada.

São Paulo — 10 de maio de 1903.”

Aquêles mesmos três clínicos que haviam feito o relatório sôbre as primeiras experiências de febre amarela transmitida pelo mosquito, fizeram outro relatório, em 15 de junho de 1903, desta vez com respeito aos “*fornites*”. Assim iniciam :

“Ilmo. sr. dr. Emílio Ribas, m. d. diretor do serviço Sanitário do Estado de São Paulo.

No desempenho do honroso convite que nos dirigistes para acompanharmos a segunda série de experiências instituídas com o fim especial de resolver o problema do contágio ou não contágio da febre amarela pelas roupas usadas pelos doentes dessa moléstia e em resposta ao vosso officio de 19 de maio do corrente ano, viemos hoje, apresentar-vos os resultados de nossas observações.

Além do pessoal de serviço do nosso Hospital de Isolamento, composto de indivíduos entre os quais figuram estrangeiros e nacionais ali empregados como enfermeiros, tais como A. César de Lima, natural de São Paulo, Antônio Rodrigues Farina e Juan Gonçalves, ambos espanhóis, Agnes Brown, inglesa, Maria Mercedes e Celestina do Vale, de São Paulo, os quais estiveram todos expostos, durante o decurso das experiências, aos mais immediatos riscos de contágio pelas roupas sujas, se contágio houvesse, mereceriam mais especialmente a nossa atenção três cidadãos de nacionalidade italiana, que se prestaram de boa vontade a servir de pedra de toque na verificação do verdadeiro maquinismo da transmissão da febre amarela. Êstes três cidadãos, pela data recente de sua vinda ao Brasil diretamente da Itália, não podiam de todo ser considerados como aclimatados, mas, ao contrário, dotados da mais ampla receptividade.”

O relatório continua descrevendo o andamento das experiências, cujo desenrolar já conhecemos pelas atas transcritas.

Mais adiante o relatório nos conta :

"Dia 1.º de maio — Damos por terminadas as experiências, foram retiradas do quarto tôdas as roupas sujas ; verificamos que os pacientes se achavam em muito melhores condições de saúde do que quando entraram para o Hospital ; desenhava-se na fisionomia de todos êles a mais viva alegria ; a linguagem de todos era a do justo orgulho de triunfadores. Por precaução, todavia, entendemos ser conveniente que permanecessem no Hospital de Isolamento por mais 10 dias a fim de continuarem sob a nossa imediata observação. No dia 10 de maio verificamos pela última vez que Malagutti, Paroletti e Siniscalchi continuavam no mais satisfatório estado de saúde e que nenhum motivo havia para justificar apreensões quanto à possibilidade de qualquer incubação. Tiveram alta nesse dia e nesse mesmo dia retiraram-se os três do Hospital, radiantes de alegria e proclamando o excelente passadio que lhes proporcionou o Hospital durante o período de reclusão.

Do que acabamos de expor resulta que é completamente infunda a crença na transmissão da febre amarela pelos "fomites".

Qualquer que seja o germe dessa moléstia, êsse germe perde a faculdade germinativa tôdas as vêzes que não encontra as condições favoráveis do seu meio natural.

As experiências dos norte-americanos em Havana e as nossas aqui feitas no Hospital de Isolamento, demonstram que só no organismo do mosquito encontra o germe amarílico, as condições necessárias para a sua evolução."

— 3 —

O MATERIAL USADO

As roupas que foram usadas nestas experiências, das quais se serviram os três italianos, durante 10 dias, foram estas : 19 lençóis ; 21 fronhas ; 13 toalhas ; 6 cobertores ; 4 colchas ; 7 camisas de dormir ; 1 paletó ; 5 guardanapos ; 1 par de meias ; 1 lenço ; 1 chapéu ; 1 par de botinas ; e 1 encerado.

Todos êstes objetos perfazem um total de 81 peças.

Os objetos de amarílicos, também usados pelos três compatriotas, provenientes de Ribeirão Preto, foram enviados daquela cidade pelo inspetor sanitário local, dr. Eduardo Lopes, no dia 18 de abril, por intermédio do desinfetador Antônio de Lima, com documentos comprobatórios mandados a 20 do mesmo mês e assinados por dois médicos da cidade, os drs. Francisco Augusto César e Carlos Mauro.

Igualmente de Taubaté vieram objetos que tomaram parte nas experiências. Eram roupas que delas já tomamos conhecimento. Estas roupas também vieram acompanhadas de documentos comprobatórios, assinados por médicos e pessoas de destaque, como testemunhas de serem elas provenientes de amarílicos.

O papel vindo de Taubaté é datado de 22 de abril de 1903 e vem assinado pelo dr. Augusto Pacheco, inspetor sanitário ; dr. Urbano Figueira, inspetor sanitário e dr. Francisco Rodrigues de Camargo, inspetor sanitário. Como testemunhas : dr. José Alfredo Granadeiro Guimarães, clínico ; Félix Guisard, vereador e o farmacêutico José Malhado Filho.

A urina vinda de Casa Branca também está documentada. O papel vem datado de 18 de fevereiro (esta data está errada, por um lapso de quem redigiu o papel. Trata-se de 18 de abril e não de fevereiro).

Êste documento está firmado pelo farmacêutico Fernando Musa e pelo advogado e redator do jornal "Tribuna Livre", dr. João Silveira. Por último assinou o inspetor sanitário dr. Cláudio de Sousa, quem tirou, por meio de sonda, a urina da bexiga do amarílico Manuel dos Santos.